

Notas Bibliográficas

Didaqué ou Doutrina dos Apóstolos. Introdução, tradução do original grego e comentário de Urbano Zilles. Coleção Fontes da Catequese, n.º 1, 92 pp., 21 x 13,5 cm, 2.ª edição, Editora Vozes Ltda., Petrópolis, RJ, 1971.

Sobre a Didaqué já apareceu uma breve apreciação em "Perspectiva Teológica" n.º 3 (1970) 249. Com a 2.ª edição desta tradução temos uma prova de que os leitores brasileiros sabem devidamente apreciar essa obra de tão grande valor na literatura patrística. A Didaqué é o documento mais importante da era post-apostólica e a mais antiga fonte da legislação eclesiástica que chegou até nós. Foi escrita por volta dos anos 100-150, provavelmente na Síria, e foi tida por alguns em linha de igualdade com os escritos do Novo Testamento.

A tradução brasileira é do jovem, dinâmico e competente professor de Teologia Dr. Urbano Zilles, que já é amplamente conhecido pelos seus escritos. A Didaqué é um livro que não deveria faltar em nenhuma biblioteca de teologia nos Seminários, Institutos Teológicos e nas casas religiosas.

H. E. W.

ROCHE, Eugène S. J. — *En quête de Dieu*, 134 pp., 18,5 x 13,5 cm, Ed. Lethielleux, Paris, 1970.

Este livro nos dá em traços curtos, mas incisivos, a problemática moderna da fé em Deus. Não omite nenhuma das dificuldades que hoje encontramos diante do mistério de Deus, para falar de Deus e para viver nossa relação com Deus. Ao mesmo tempo nos indica, em observações preciosas, a maneira concreta de como resolver estas dificuldades, na vivência concreta da nossa fé.

Agradam principalmente o senso de realismo com que o autor vê o problema, a modéstia e ao mesmo tempo a segurança com que orienta o leitor, para assumir as atitudes convenientes à fé cristã. Falando sobre a relação entre fé e ciência, o autor diz: "O apoiar-se na experiência não é exclusivo da ciência. Também a religião se apóia na experiência. Sem dúvida, a religião é proposta num ensinamento. Mas este ensinamento não consiste em um certo número de noções a serem aprendidas ou de valores a serem admitidos porque a autoridade assim decidiu. Acolher o dom de Deus, submeter-se às suas exigências supõe uma experiência... A única maneira de conhecer o que significam as verdades da fé é vivê-las, delas fazer a experiência" (120-121). Segundo o autor, chegamos a esta experiência através da Escritura, do acontecimento, da natureza e do Filho que é o caminho, a verdade e a vida.

Oscar Mueller

RAHNER, K. — HÄRING, B.: *Palavra en el Mundo, Estudos sobre Teologia de la Predicación*, traduzido do original alemão (Wort in Welt, 1968) para o espanhol por Joan Lelita, 355 pp., 21 x 13,5 cm, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1972.

Na apresentação encontra-se a justificativa desta obra, uma coletânea de estudos sobre a teologia da pregação. "O presente volume quer ser um escrito de homenagem e de agradecimento a Viktor Schurr. O fato de que diversos amigos, colegas e discípulos se tenham decidido espontaneamente a publicar por essa razão uma série de estudos sobre a pregação, não só obedece ao agradecimento pessoal pela obra realizada no decurso de sua vida, senão também que ao nome de Viktor Schurr vai unido um momento de transição que hoje se torna mais atual que antes" (p. 9).

Viktor Schurr, um dos coeditores do 'Handbuch der Pastoraltheologie', "dedicou-se à tarefa teologicamente necessária de pôr em dia a pregação" (p. 9). Levando a sério o movimento iniciado por J. A. Jungmann em 1936, Schurr "chegou a um encontro feliz entre a teologia sistemática e a teologia querigmática" (p. 9). Mais tarde João XXIII aprovava esse esforço de atualização (discurso de abertura do concílio Vaticano II, 11 de outubro de 1962) ao indicar "o caminho que deve seguir uma pregação inteligível e convicta da mensagem salvífica para os homens do nosso tempo" (p. 30). E a seguir o Vaticano II assumia abertamente uma posição de diálogo da Igreja com os homens de hoje. É, pois, à luz dessa atitude conciliar que são publicados esses 'estudos sobre a teologia da pregação', obra dividida em três partes (I. Pregação como palavra salvífica; II. Da fé à pregação; III. Pregação para o mundo) e que em seus 15 temas abordados, contou com a colaboração, dentre outros, de K. Rahner, B. Häring, F. X. Durwell, D. Grasso, A. Winkhofer, L. M. Weber, F. Klostermann, N. Greinacher.

"Palavra en el Mundo" é obra que pode se tornar útil tanto para os cristãos leigos — já que eles como membros das diversas comunidades cristãs também são encarregados e responsáveis pela pregação (p. 228; p. 248), — como para sacerdotes, religiosos e religiosas, por sua consistente e oportuna fundamentação teológica.

G. A. J. K.

SANTA CRUZ, Afonso de: *O companheiro*, 90 pp., 12,5 x 18 cm, Edições Rosário (C. P. 1336), Curitiba, 1972.

Embora, na concepção moderna, os anjos tenham sido relegados sempre mais para o âmbito da lenda, da fábula e da fantasia infantil, a Igreja sempre defendeu a fé de que Deus tenha criado (dogma), além do mundo visível e antes do homem um reino de espíritos invisíveis, i. é, os anjos (ver cap. 28: "Afinal, quem são eles"). No que diz respeito àquilo que a tradição cristã tem acrescentado à Escritura, a teologia tem purificado de confusões e erros as especulações sobre os anjos, principalmente, quando reconhece sua plena espiritualidade, de natureza angélica, e quando repele uma sutil materialidade semelhante ao ar e/ou fogo. Além do mais sublinha a distinção entre anjos e astros e contesta o primitivo ensinamento sobre os anjos da natureza. Estas criaturas espirituais são criaturas pessoais e não simples forças. Se são pessoas podem ser companheiros dos homens. E o livro "O Companheiro" fala dos anjos, em geral, e não do anjo da guarda como o título parece sugerir. Numa linguagem simples, concreta e vigorosa mostra a atuação dos anjos nos diferentes momentos da história da salvação. E dentro da história da salvação existe um outro fio condutor expresso nitidamente pelo autor: "Surge a pergun-

ta que dá sentido a este opúsculo: ... os anjos têm **ligação direta** e insistentemente com Cristo?" E este "leitmotiv" cristológico aparece em todos os capítulos, como por exemplo: "A batalha do céu, travada na madrugada da criação, continua no arrebol da manhã para dentro da humanidade, na terra, capitaneada pelos anjos... em torno do grande eixo: Cristo" (p. 12); ou, "os anjos foram os primeiros apóstolos do cristianismo: tornaram Cristo conhecido. Lançaram a primeira falsa em torno do fogo que o Salvador veio atear na terra" (p. 41). "O companheiro" é um livro, embora só possua 90 páginas. É um livro que não pretende ser um tratado de angeologia. Mas suas páginas nos tornam a figura do anjo simpática através do enfoque dado por A. de S. Cruz. E esta apresentação é de tal modo simpática que desperta no leitor uma maior veneração pelo anjo. Para quem lê com atenção as suas rápidas páginas encontra uma sugestão de espiritualidade: "S. Paulo insiste tanto na identidade do cristão com Cristo, usando com insistência o "com Ele": com ele fomos sepultados, crucificados, etc. Por que não usar a linha angelical: com Ele fomos protegidos pelos anjos? Pois a espiritualidade angélica faz parte da estratégia do Reino de Cristo" (p. 43).

G. E. W.

BAGGIO, Hugo D.: **Joana Angélica Mártir da Independência**, 56 pp., 15,5 x 11 cm, Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 1972.

A brochura apresenta em breves e concisos traços a vida e morte sangrenta da Madre Joana Angélica. A abadessa do Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição da Lapa, Salvador, Bahia, foi friamente assassinada por soldados lusitanos, no seu próprio mosteiro, aos 20 de fevereiro de 1822, por ocasião e motivo das lutas pela Independência do Brasil.

C. L. B.

BAGGIO, Hugo D.: **Caminhando juntos** (Coleção "Encontro" - 1), 48 pp., 18 x 12 cm, Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 1972.

O presente livro inicia uma nova coleção lançada pela Editora Vozes: "Encontro". Esta coleção "destina-se ao leitor simples, não afeito a temas de profundidade especulativa. São palavras que querem levar à meditação, em forma de breves reflexões. Querem levar a viver com mais otimismo e esperança, com mais sentido e alegria. Querem ajudar a colocar na vida materializante de cada dia a mensagem espiritual".

O homem de hoje, entregue com nervosismo ao vaivém da vida diária, absorvido com ocupações exteriorizantes, vê as coisas e as pessoas quase que exclusivamente com olhos de "utilidade" e "funcionalidade". Ele já não tem mais quase vagar nem capacidade de ver as coisas e principalmente aos outros com olhos de pessoa, isto é, de alguém, cujo sentido da existência ultrapassa a funcionalidade e se dirige a um **encontro profundo** com os outros.

O autor do presente volume deseja ajudar ao homem de hoje a ver as coisas, aos outros e a si mesmo com outros olhos. A partir de realidades, de fatos, de cenas da vida diária: o operário, os olhos, as mãos, os braços, o mar, o almoço, a luz, o autor procura levar o leitor a refletir sobre a sua própria vida e a dos outros, inspira-lhe confiança e alegria. A leitura-oração de um destes temas por dia (apenas duas páginas) revigora o espírito, dá alento e leva o homem a encarar a vida sob outro prisma.

C. L. B.

ALBANESE, João: **Diálogos do Espírito** (Coleção "Oração e Ação" - 14), 158 pp., 19 x 11 cm, tradução de Neroaldo Pontes, do original italiano, Edições Paulinas, São Paulo, 1972.

O autor nos oferece um livro de oração e reflexão. De oração, porque se valeu do livro de orações dos judeus, dos cristãos e também do próprio Cristo — os Salmos — tendo escolhido 50 dentre os 150 do saltério, figurando entre eles salmos de adoração, ação de graças, contrição, súplica e louvor de Deus.

Trata-se também de um livro de reflexão, pois o autor inseriu, de forma muito feliz, pensamentos e considerações que decorrem do texto inspirado. Sirva como ilustração esta passagem, a propósito do salmo 23 (22), o Senhor é o meu pastor:

"O Senhor é o meu pastor, nada me pode faltar. Há quem se deixa guiar por filósofos ou por políticos, há quem confia no poder da ciência e na força do dinheiro. Há ainda aqueles que recorrem à arte ou mesmo às armas. Mas eu me confio a ti, Senhor. É certo, ninguém pode dispensar um gaula: todos têm um pastor e um prado, porque o homem nasce ignorante de tudo e privado de muitas coisas. E quando se caminha na escuridão e desprevenido, tem-se necessidade de tomá-lo a mão a alguém que nos precede e guia. Por isso os homens se reúnem como uma grei seguindo um chefe, por isso se arrastam como insetos na direção dos bens terrenos, por isso esperam nos prodígios da técnica, encantados como crianças diante de um brinquedo e se exaltam como adolescentes imaturos por um mito ou por uma idéia. Mas os chefes cedo ou tarde desmoronam ou se tornam déspotas, todos os bens desiludem e acabam, a técnica se torna burguesa tornando os homens áridos, a ideologia termina por instrumentalizar, e todos os mitos se desfazem. De tal modo que no fim encontramos-nos como em um deserto, onde ninguém pode saciar a sede que destrói o coração, ninguém pode preencher o vazio existente no íntimo, ninguém pode dar uma resposta na solidão existencial" (pp. 41-42).

Como o declara a apresentação, "o mérito do autor consiste em transpor para os acontecimentos e para a problemática do homem do nosso tempo, a mística riqueza das mais belas páginas dos Livros Sagrados" (p. 6).

Em meio à vida trepidante e agitada de hoje, "Diálogos do Espírito" é um livro que faz bem, tanto a cristãos como a religiosos, por proporcionar momentos de contato mais íntimo com Deus, iluminando e fortalecendo assim sua atividade entre os homens.

G. A. J. K.

CHENU, CONGAR, GARRONE, LEGER, TILLARD, JEANNE D'ARC, CARRIER: **Vocação: inquietações e pesquisas**, tradução do original francês por M. Cecilia de M. Duprat, 188 pp., 20 x 13 cm, Edições Paulinas, São Paulo, 1971.

Este livro é o primeiro da coleção "Eu sou... Aquele que serve (Lc. 22, 27)". Num momento da história da salvação em que vemos **minguar**, na Igreja, as vocações religiosas e sacerdotais, apesar da necessidade delas crescerem numa proporção inversa, esta obra, coletânea de artigos de vários autores de valor, deve ser vista como uma fonte preciosa de considerações para fundamentar uma pastoral religiosa e sacerdotal entre os jovens, dentro do Povo de Deus e entre aqueles que testemunham, pelo seu carisma sacerdotal ou religioso, a fé no REINO DOS CÉUS.

Evidentemente, aqueles, sobre os quais recai a tarefa de orientador vocacional entre jovens, saberão levar em conta a importância de refletir

e considerar as exigências que a realidade brasileira, latino-americana e local, requerem para se desenvolver uma pastoral vocacional adequada.

A leitura desta obra, bem como das demais que constituem a coleção referida, nos fará inquirir sobre o nosso próprio trabalho.

J. Q. L.

ROGUET, A. M.: *A missa de hoje, a mesa de todos*, tradução do original francês pela Abadia de N. S.^a das Graças, 166 pp., 21 x 14 cm, Edições Loyola, São Paulo, 1972.

"A missa não é um código a decifrar ou um teorema a demonstrar. Porém, requer uma iniciação". O autor, neste livro, teve a felicidade de cumprir seu objetivo, apresentando, tanto aos fiéis como aos "incrédulos" de hoje, uma iniciação ao significado da celebração da Eucaristia, ministério de salvação "que se apresenta sob uma veste ritual e simbólica". Suas explicações são feitas numa linguagem acessível e a leitura faz-nos supor a profunda compreensão que o autor tem da "teologia da assembléia e da celebração eucarística" como celebração da história do cristão e da comunidade cristã que participa do Mistério Pascal de Cristo. A obra até poderia ser indicada a estudantes secundaristas e universitários, uma vez que a celebração da vida e da história do cristão merece ser mais meditada e aprofundada para que se atinja aquela renovação (não de superfície) de profundidade iniciada pelo Concílio Vaticano II e pouco entendida por muitos dentre nós.

J. Q. L.

LOWERY, Daniel: *Muchacho, son estos tus problemas?* Tradução do original inglês por Antonio Diego, (Colección "Adelante", 21), 168 pp., 17 x 12 cm, Editorial "Sal Terrae", Santander (Espanha), 1972.

É um livro para adolescentes. Reúne as perguntas e respostas deles e do Pe. Lowery na coluna semanal da revista "Catholic Herald Citizen". O autor faz questão de ressaltar que todas as cartas dos jovens são autênticas.

Divide os problemas dos jovens em seis temas: — Luta pela fé, pecado-perdão, vocações, problemas com os pais, professores-escola, amizade-namoro e casamento.

Apesar de que os rapazes e moças são do interior dos Estados Unidos, os problemas que apresentam são universais, vivos e reais. As respostas do Pe. Lowery são humanas e simples, embora, às vezes, simplifique suas colocações, devido — quem sabe — à limitação de espaço da revista.

M. M.

CORETH, Emerich: *Cuestiones Fundamentales de Hermenéutica*, tradução do original alemão por Manuel Balasch, 264 pp., 20 x 14 cm, Editorial Herder, Barcelona, 1972.

Emerich Coreth é vastamente conhecido por seus trabalhos filosóficos, sendo discutida principalmente a sua proposta de iniciar a filosofia com o estudo da pergunta. Na presente obra se revela como mestre experimentado e hábil, lidando com um problema complexo. Com efeito a hermenêutica não é apenas uma metodologia prática das ciências do espírito. A sua base se acha toda uma problemática filosófica, que surgiu com Schleiermacher e Dilthey e se aprofundou com a hermenêutica da "existência" de Heidegger e a hermenêutica filosófica de Gadamer.

Tendo exposto na primeira parte a "história do problema", Coreth dedica a segunda parte ao estudo da "essência e estrutura da intelecção": "conceito da intelecção", "a intelecção, compreensão de sentido", "o mundo da intelecção", "o horizonte da intelecção", "o círculo da intelecção", "sujeito e objeto da intelecção" e "estruturas fundamentais da intelecção" são as subdivisões desta parte.

A terceira parte é dedicada à "intelecção e história": "intelecção espontânea", "limites da intelecção", "distância e encontro", "tradição e evolução do sentido", "repercussão e interpretação", "estratos do sentido da intelecção", eis os pontos abordados.

A quarta e última parte sob a epígrafe "intelecção e verdade" trata da "verdade histórica", da "correção e evidência", do "horizonte do mundo e do ser", da hermenêutica e da metafísica, do mundo de compreensão e da questão de Deus e finalmente da hermenêutica e da teologia.

A obra se recomenda pelo seu modo de abordar o problema, pela sua riqueza de conteúdo e pela clareza da exposição.

Antônio Steffen, S. I.

Zezinho, SCJ — Os jovens estão rezando — 127 pp., 19 x 12 cm, Edições Paulinas, São Paulo, 1972.

O autor desta obra quer demonstrar que também os jovens ainda rezam. Rezam, não orações decoradas, mecanicamente, mas espontaneamente.

Padre Zezinho sentiu-se impelido a escrever este livro quando dois grupos de jovens rezavam pela saúde dele. A obra contém seis temas, subdivididos em 59 orações.

O primeiro tema: "Dia com Deus" está composto de orações tiradas das Sagradas Escrituras. Colocam a pessoa perante Deus durante o trabalho e Deus dentro das atividades.

O segundo tema: "Tempo de alegria", é formado de orações de agradecimento, de louvor e reconhecimento por tudo aquilo com que Deus nos prodigalizou e prodigaliza.

O terceiro tema: "Tempo de solidariedade", é composto de orações que colocam a pessoa frente a realidade seguinte: Nenhum homem é uma ilha. Todos precisam dele e ele precisa de todos.

O quarto tema: "Tempo de amor", trata da solidariedade que se deve aos doentes, desamparados, idosos... Sugere que: o amor com o qual Deus nos ama, deve ser correspondido com o amor que os homens nutrem entre si.

O quinto tema: "Tempo de procura" mostra como podemos, nas horas de solidão, de vazio interior, descobrir nossos colegas e amigos. Descobrir o amor de Deus.

O sexto tema: "Tempo de encontro", trata, não tanto de um encontro entre pessoas mas, de um encontro consigo mesmo. São orações que perguntam sobre o "por quê" de tantas coisas que não compreendemos.

O que chama atenção nesta bela obra e é digno de louvor, é que acontecem casos que para os adultos causam nojo, repulsa, escândalo... para os jovens inspiram compreensão, solidariedade, amizade.

"Os jovens rezam" é uma amostra concreta de como louvar a Deus com o coração e não apenas com os lábios, de como levar a própria vida para a oração.

Ao leitor algumas orações poderão parecer mera fantasia. Outras, infantis... Poderá criticá-las e até condená-las, mas o que não pode é condenar os jovens que pretendem dialogar com o Cristo, cada qual conforme o Espírito lhe soprar.

Eles procuram o Cristo, que é a luz do mundo, sob cujos raios se aclaram a pureza das intenções e a nobreza dos sentimentos.

Quem ler esta obra e fizer sobre a mesma uma reflexão profunda, isenta de preconceitos, reconhecerá que está cercado por um mundo maravilhoso.

Deus é tão grande que pode dar-se ao luxo de parecer menor que a lógica dos homens.

J. B.

ZINK, Jörg e RÖHRICHT, Rainer: A Fé dos Cristãos; tradução do original alemão por B. Weber, 40 pp., 21 x 13 cm, Ed. Sinodal, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, 1971.

O que os autores intentam transmitir não é uma série de verdades dogmáticas nas quais os cristãos crêem, mas uma visão sintética, em forma de confissão pessoal, do que significa, fundamenta, assegura e em que implica a Fé Cristã.

Mais do que para uma leitura o leitor está convidado para uma oração ou meditação... Cada frase é um apelo para o cristão.

Deixando de lado qualquer espécie de especulação os autores convidam aos leitores a que busquem, através das presentes páginas, uma definição mais clara de sua própria fé, e, a partir daí, uma definição mais clara de sua atitude prático-vivencial.

J. I. F.

PFEIL, Hans: Tradição e Progresso no Cristianismo Pós-Conciliar, tradução do original alemão por Almondino Lueckmann (Col. Teológica N.º 2), 109 pp., 21 x 14 cm, Edições Paulmas, São Paulo, 1971.

O autor, cheio de boas intenções, tenta estabelecer, neste livro, uma linha de equilíbrio entre os avanços do progresso e a continuidade da tradição, dentro do panorama da Igreja Pós-Conciliar. Parece, porém, que suas preocupações, na realidade, voltaram-se mais para a conservação do passado do que para um discernimento construtivo entre os empreendimentos inovadores. Talvez, por isso, o resultado de seus esforços fique um pouco aquém do prometido e do esperado.

O livro engloba sete ensaios, seis dos quais já publicados anteriormente em revistas de teologia. O temário é interessante, pelo menos, na formulação de seus títulos: "O homem à luz do Vaticano II" — "O "sim" Conciliar ao Progresso Econômico" — "A Problemática do Diálogo" — "Da Fé em Deus até a Auto-idolatria" — "Leibnitz, um Precursor do Vaticano II" — "Ser Cristão num mundo Secularizado".

Abrindo essa série de artigos, encontra-se um, merecedor de uma referência especial. Por isso, deixamo-lo para o fim. Intitula-se: "Método para arrancar aplausos". Trata-se de uma diatribe confessadamente satírica contra os inovadores revolucionários, nos quais ele só enxerga preocupações sensacionalistas e pouco amor à causa da Igreja. Não é preciso frisar que, em questão de linguagem, o autor marca neste capítulo um ponto positivo, o que, nesse gênero literário, consegue-se com bastante facilidade. Já o conteúdo, além de ser injusto em suas generalidades, prima pela inoportunidade, numa época de diálogo e pluralismo. Felizmente, no resto do livro, a linguagem apresenta um tom bastante moderado.

As fontes explícitas de consulta foram quase sempre os documentos conciliares. Sobressaem as citações da Constituição Pastoral, A Igreja no Mundo de Hoje.

Em suma, pode-se ainda dizer deste livro que, sem conseguir ser estimulante, ele, contudo, não chega a decepcionar totalmente. A um leitor não muito exigente, ele pode até ser útil e, em alguns casos, recomendável.

G. C. A.

tinias da Abadia de Santa Maria, São Paulo, 251 pp., 21 x LÄPPLE, Alfred: **A mensagem do Apocalipse para o nosso tempo**, tradução do original alemão pelas Monjas Benedi-14 cm, (Coleção "Catequese Bíblica", 2), Edições Paulinas, São Paulo, 1971.

O autor já escreveu ótimo livro sobre "A mensagem dos Evangelhos hoje", que teve acolhida muitíssimo favorável. (Pertence à coleção "Catequese Bíblica, 1"). Vê-se pelo título dos dois volumes, que Läßple visa atrair o leitor moderno para a leitura atenta dos livros inspirados, chamando-lhe a atenção a que reflita com ele sobre o valor sempre atual da mensagem bíblica.

Note-se que o Apocalipse parece a muitos livro fechado a sete chaves, tal a dificuldade de decifrá-lo e compreender-lhe o sentido nos meandros do gênero apocalíptico, incompreensível, quicá enfadonho e até pueril à mentalidade do nosso tempo... Por isso o autor na primeira parte, 7-57: "Preliminares crítico-literários", expondo a problemática crítico-literária do livro, que encerra o ciclo dos escritos inspirados, oferece introdução atualizada à apocalíptica. Na segunda parte, 59-224: "Mensagem do Apocalipse", de estilo claro e fluente, dá-se breve explicação exegética do texto ou dos textos mais importantes. Na terceira parte, 225-242, encontramos a "Teologia do Apocalipse". Acrescenta ainda lista dos comentários mais úteis e ampla biografia concernente a temas do Apocalipse.

Na escassez de comentários, dignos de registro em português sobre o Apocalipse, é óbvio que o número 2.º da "Catequese Bíblica" merece a mais vasta divulgação, para que o povo de Deus não fique privado da mensagem de esperança do "Evangelho do Cristo glorificado".

R. A. Br.

ARAÚJO, Laís Corrêa de: **Murilo Mendes** (Col. Poetas Modernos do Brasil, n.º 2), 224 pp., 18 x 13 cm, Editora Vozes Ltda., Petrópolis, RJ, 1972.

Ultimamente, a Editora Vozes tem-se lançado em empreendimentos pioneiros, com que as ciências e as letras do Brasil muito estão a lucrar.

A coleção intitulada "Poetas Modernos do Brasil", pelos volumes já publicados e pelos que se anunciam, representa não apenas um projeto inovador mas, principalmente, um passo avançado na linha do ensaio literário, dentro da programação editorial de nosso país.

O segundo degrau dessa promissora série é ocupado pelo ensaio crítico de Laís Corrêa de Araújo sobre o poeta modernista mineiro, Murilo Mendes.

Numa linguagem sóbria (coisa rara quando se pretende focalizar um personagem vivo) e tecnicamente adequada, a autora vai assinalando e documentando, em sua leitura crítica, as etapas significativas da trajetória ascensional da poesia muriliana.

Murilo Mendes, mesmo tendo já dobrado a curva dos setenta anos, continua sendo um poeta de vanguarda. Sua linguagem é atualíssima. Ele mesmo traduziu essa sua atitude de modernidade numa frase lapidar: "Não sou meu sobrevivente e sim meu contemporâneo". Pois é de um homem desse calibre que Laís Corrêa de Araújo procurou delimitar-nos o perfil literário e humano. Sua tarefa foi coroada de pleno êxito.

O livro abre-se com uma ligeira nota biográfica, passando logo para a introdução crítica. Segue-a uma selecionada antologia, onde se encontram também alguns textos, até agora inéditos. Há ainda umas poucas páginas dedicadas ao ideário crítico do poeta. Aí transparecem, com bastante clareza, as linhas fundamentais de seu humanismo aberto e de seu cristianismo robusto. Merecem uma referência particular três depoimentos escritos especialmente para esta obra. São de Alceu de Amoroso Lima,

João Cabral de Melo Neto e José Guilherme Merquior. Completa o trabalho uma extensa bibliografia de e sobre Murilo Mendes.

Diz Murilo: "A poesia não pode nem deve ser um luxo para alguns iniciados: é o pão cotidiano de todos, uma aventura simples e grandiosa do espírito". Mesmo aos que não costumam servir-se dessa espécie de alimentação, este cuidadoso ensaio de Lals C. de Araújo bem pode estimular o apetite.

G. C. A.

DATTLER, Frederico SVD, **Léxico Bíblico-Litúrgico**, 168 pp., 23 x 16 cm, Editora Vozes Ltda., Petrópolis, 1972

Indicando brevemente a RAZÃO DE SER do LBL, a bibliografia geral, as convenções, o sumário, inicia, em ordem alfabética, os verbetes relativos à matéria bíblico-litúrgica, seguindo a resenha dos verbetes.

O autor assim explica a razão de ser do livro: "A Escritura Sagrada como fonte e documento da liturgia cristã. Demonstrar a origem bíblica e o significado dos gestos, dos rituais e das cerimônias; dos objetos litúrgicos e dos textos utilizados: eis a finalidade do presente Léxico" (5).

A Bíblia é tomada como pronta e concluída, coloca-nos ante fatos consumados e situações reais. Não pretende Dattler discutir a origem nem o valor histórico dos fatos (1. é: Se instituições comprovadas para a época da monarquia são pré-datadas para Israel do Egito ou no deserto, etc.) nem elucidar a evolução posterior dos ritos através dos documentos de Qumrán, do judaísmo rabinico e da Igreja cristã.

É obra sumamente útil, senão indispensável para leigos e sacerdotes que sentem a necessidade e o interesse de conhecer os documentos bíblicos ligados a liturgia, seja gestos, ritos, leituras ou cantos.

Sendo o LBL de cunho pastoral sobretudo, não só informativo, o leitor passa instintivamente à leitura direta da Bíblia, vista sob nova luz. Urge, pois, agradecer ao autor e à Editora estas páginas ricas de ensinamento e portadoras duma melhor compreensão da mensagem divina da Bíblia.

R. A. Br.

PRADO, J. L. Gonzaga do: **O Evangelho do Povo**, 118 pp., 16 x 12 cm, Editora Vozes Ltda., Petrópolis, RJ, 1972, 2.^a ed.

"O Evangelho do Povo, tradução popular do Evangelho segundo São Marcos", é uma feliz tentativa de transmitir a "Boa Nova" em nossa língua popular. É válida e queira Deus, surjam mais traduções desse quillate.

Um dos maiores problemas atuais na catequese e na pregação é, sem dúvida, o da linguagem. E o Pe. Luís Gonzaga do Prado, sentindo o mesmo, teve a inspiração de traduzir, tão maravilhosamente bem, o Evangelho escrito por Marcos. É o Evangelho do povo traduzido para o povo.

E. H.

WILGES, Irineu: **A História e Doutrina do Diaconato até o Concílio de Trento**, 366 pp., 23 x 16 cm, Pontificia Universidade Antoniana, Roma, 1970.

Um dos temas que hoje nos tem despertado grande interesse, principalmente na nossa realidade latino-americana, é o do diaconato.

Muitos se perguntam: tem sentido hoje, de fato, o diaconato? Não é um luxo? Por que ligar estes homens ao estado clerical? Por que não deixá-los trabalhar, apostolicamente, como simples leigos?

Envolvido por esta problemática, o P. Irineu Wilges, franciscano de Porto Alegre, escolheu este tema para sua tese doutoral.

Sob a orientação do P. Bruno Korosak, na Pontifícia Universidade Antoniana (em Roma), dedicou-se à pesquisa histórica e à reflexão, durante os anos de 1967 a 1970. O resultado de tudo isto é o que podemos encontrar nas páginas de seu livro "A História e Doutrina do Diaconato até o Concílio de Trento", portador de vasta documentação histórica sobre o diaconato e de leitura bastante agradável.

O livro apresenta a problemática do diaconato em 6 capítulos, nos quais trata da origem, qualidades requeridas, a ordem do diaconato, as funções do diácono, os arqui-diáconos e as diaconisas.

Cada capítulo começa por uma fundamentação bíblica. A seguir, analisa o tema proposto: como foi visto e como este se desenvolveu na história, procurando tirar conclusões úteis para os nossos tempos.

Na história não existem tempos ou períodos sem laços, sem ligações com o passado. Aquilo que existe hoje, em grande parte, só se explica olhando para o passado. Daí ser de grande proveito a leitura desta obra para a melhor compreensão do significado do diaconato em nossos dias.

C. P.

DATTLER, Frederico: Comentários bíblicos e homiléticos do novo lecionário. Ano A. Coleção: Liturgia e catequese. 286 pp., 20 x 13 cm, Edições Paulinas, 1971.

Breves explicações exegéticas das três leituras dominicais, seguidas de duas pistas para temas homiléticos. Os comentários têm a vantagem de serem breves, sólidos e seguirem uma linha uniforme por serem todos do mesmo autor. Em pontos discutidos de exegese o autor apresenta a sua opinião sem perder-se em discussões, o que é uma vantagem e ao mesmo tempo uma desvantagem por apresentar como ponto pacífico o que é controverso entre os entendidos.

Ocorrem afirmações que poderiam ser mal entendidas como por exemplo à página 188, onde diz que Mateus e Lucas não falam de expulsar demônios, mas unicamente de curar doentes, e no entanto Mateus, 8, 16 diz claramente "expulsai os demônios e curai os doentes" e 10, 8 "Curai os enfermos e expulsai os demônios". Clara distinção entre curar e expulsar demônios. Igualmente à página 200 há certa ambigüidade quando afirma: "No reino de Deus que é a Igreja, todos são sacerdotes, reis e profetas e também juizes. Desapareceram as classes privilegiadas. De ora em diante todos estão em Cristo e todos participam das mesmas dignidades e dos mesmos poderes".

Se com isso o autor quer negar a diferença entre o sacerdócio comum dos fiéis e o sacerdócio ministerial, se colocará claramente contra o Vaticano II (LG. 10/28), o que não é de supor-se.

Teria sido oportuno, na introdução do livro, lembrar a finalidade da homilia dominical que visa principalmente preparar os fiéis para a celebração da Eucaristia.

C. S.

REGAMEY, P. R. O. P.: Exigência de Deus. (Redescobrir a vida religiosa) (Coleção: "Eu sou aquele que serve", 5). Tradução do original francês das Monjas Beneditinas, Abadia Santa Maria, S. Paulo, 223 pp., 20 x 13 cm, Edições Paulinas, São Paulo, 1972.

As resenhas aparecidas na N. R. Theol, 1971, pp. 98-99 e já antes em Vie Consacre 1969, pp. 368-370, consideram essa obra um trabalho de notável seriedade e profundidade, entre os melhores aparecidos no assunto. O livro tem três partes: na primeira apresenta mais a natureza da vida religiosa; na segunda parte trata da finalidade e meios para

realizar a vida religiosa: na terceira estuda a qualidade religiosa da vida humana impugnação com energia a desacralização da vida e recorda com força o verdadeiro sentido do sagrado.

Obra que traz muita luz na atual controvérsia sobre a vida religiosa.

C. S.

CARLI, Luiz Maria: *A Igreja vive*. Coleção: Teológica, 1. Tradução do original italiano por George Ignacio Maissiat, 260 pp., 21 x 14 cm, Edições Paulinas, S. Paulo, 1971.

É um livro que nos dá uma visão clara do ambiente posconciliar em que vivemos: duas correntes com tendências extremistas; de um lado os que querem mudar tudo de vez, não consultando a ninguém, além de si próprios, convencidos de que estão fazendo tudo bem para espalhar melhor o Reino de Deus. Do outro lado os que querem ir com demasiada cautela e excessivo temor de errar. O autor apresenta essas duas tendências, proferindo um julgamento quanto possível equilibrado sobre o que há de errado nos dois extremos. No fim apresenta um capítulo com sugestões práticas para a solução da crise. O livro é instrutivo e merece ser lido por todos que querem adquirir uma visão clara da atualidade eclesial.

J. C.

VERGES, Salvador: *Maria en el Misterio de Cristo*, (Coleção "Lux Mundi", n.º 31), 312 pp., 21,5 x 13,5 cm, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1972.

Numa época na qual a sociedade procura dar um lugar ao sol à mulher, é muito justo que esta mesma sociedade dê igualmente o lugar devido àquela que foi escolhida pelo Pai eterno a ser a Mãe do seu Filho único e modelo cristão de todas as mulheres. É isto que o autor desta obra tinha em mente ao escrever este livro. E já se fez muito neste sentido, como bem demonstra o autor desta obra.

Maria possuía sempre um significado elevado na Igreja, seja da parte dos papas, seja dos santos Padres, dos Concílios ou do povo fiel, que jamais perdeu a confiança em Maria.

O Concílio Vaticano II abriu horizontes novos à Mariologia ao situar Maria dentro do Mistério salvífico de Cristo e da Igreja. Sendo Ela verdadeira Mãe de Cristo, participa de um modo especial em sua missão salvífica ao ter uma relação especialíssima com a Igreja, Corpo Místico de Cristo.

Salvador Verges apresenta em seu livro um apanhado geral da Mariologia. Maria está prefigurada nas profecias e ações soteriológicas de Israel, como participe primordial na Missão salvadora do Messias prometido. Ela é o ponto de convergência do Antigo e Novo Testamento quando recebe em sua carne a vinda do Filho do Pai, que vincula os homens a uma comunidade de irmãos, ao fazê-los partícipes da filiação divina. O autor, analisando as Escrituras, diz que os rastros leves do Antigo Testamento adquirem contornos cada vez mais definitivos até chegarem a dar-nos uma fisionomia autêntica de Maria em o Novo Testamento. No capítulo primeiro ressaltamos as explicações em torno do célebre vaticínio "Eis que uma virgem conceberá..." (Is, 7, 14), e sobre as circunstâncias históricas nas quais foi proferido.

O autor faz um apanhado de valor sobre o gênero literário de Lucas evangelista, sua estrutura literária e conteúdo da mensagem lucana. Traz igualmente algo bem interessante sobre o papel de Maria exercido na vida oculta e pública de Jesus. Dedicou um capítulo inteiro à "evolução

histórico-dogmática da Mariologia na vida eclesial". De forma especial apresenta a evolução dos Dogmas da Imaculada Conceição e da Assunção.

O autor relaciona finalmente a dignidade da Mãe de Deus com a dignidade de toda a mulher. Não se deve mais atribuir à mulher o epíteto de traidora da humanidade (Eva), mas o de salvadora, aquela que nos trouxe o Salvador (Maria). Por isso insiste que a sociedade mude de mentalidade e que considere os deveres que tem para com a mulher, que por justiça deve possuir os mesmos direitos do homem.

Pode-se dizer que esta obra: "Maria en el Misterio de Cristo", é uma obra elaborada com muita seriedade, procurando o autor sempre, não interesses pessoais mas, única e exclusivamente, tornar mais conhecida a Mãe de Cristo, Mãe da Igreja e assim fomentar a confiança e a devoção para com Ela.

Esta obra possui também o mérito de poder desfazer muitas dúvidas ao leitor a respeito da Mãe de Deus; de sua aceitação e veneração nas diversas Igrejas cristãs. É uma obra que nos abre horizontes, talvez não novos, mas esquecidos, sobre o plano salvífico que o Pai eterno teve desde toda a eternidade a respeito da humanidade.

O autor merece os parabéns e aplausos. Sem dúvida alguma, com essa obra obterá o mérito de despertar um amor filial à Mãe celeste no coração dos leitores.

Concluindo: pode-se dizer que, "Maria en el Misterio de Cristo", merece ser lido, assimilado e propagado pelo leitor, a fim de que muitos tenham a felicidade de conhecerem um pouco a mais o papel que Maria exerce na Igreja, na Missão salvífica e na vida particular de cada pessoa.

J. B.

MAERTENS, Thierry e FRISQUE, Jean: Guia da Assembléia Cristã, Volume IX, tradução do original francês por Frei Bruno Palma O. P., 210 pp., 22,5 x 15,5 cm, Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 1972.

Os cristãos, ao construírem os templos materiais, ao contribuírem para a construção das capelas, não raras vezes, parecem pensar que já cumpriram o dever de fazer algo pela Igreja. Esqueceram-se da verdadeira Igreja. Construir uma Igreja significa viver em comunhão com a Santíssima Trindade, com os irmãos na fé e no amor, aos quais é necessário dar testemunho daquela união com a Trindade Santa. Para poder praticar o que Deus ensina, o cristão há de ouvir e compreender a palavra de Deus. Não basta, entretanto, compreender a palavra de Deus, é necessário vivê-la; vivendo a mensagem cristã, o cristão vive a união com os irmãos e com Deus. O Concílio Vaticano II e as posteriores determinações litúrgicas, melhorando a Liturgia, visam uma maior compreensão e uma adesão mais plena do fiel à Palavra e à Mesa do Senhor. "Guia da Assembléia Cristã" oferece explicações e comentários preciosos para o cristão poder vivenciar a Boa Nova. De modo especial ele oferece subsídios exegeticos e doutriniais a sacerdotes e comentadores da palavra de Deus, para compreenderem as passagens bíblicas do novo ordinário das leituras da Santa Missa, e assim poderem anunciar com proveito a palavra de Deus aos fiéis.

Com este Volume IX fica concluída a tradução do "Guia da Assembléia Cristã". A primeira parte deste volume consta dos comentários exegeticos e das orientações doutriniais relativas às "Festas com Prevalência sobre o Domingo". A seguir, na segunda parte, os autores indicam as leituras de todo novo lecionário (dominical, ferial, do comum dos santos, das missas "ad diversa", do ritual), com as referências aos comentários do "Guia". Não falta nesta parte o calendário santoral, com a indicação das respectivas leituras e a referência aos comentários do "Guia".

A terceira parte oferece ao leitor uma breve biografia dos santos, inseridos no calendário universal. A última parte do livro apresenta em primeiro lugar o índice dos textos bíblicos comentados ao longo do "Guia", e em segundo lugar um índice analítico de assuntos tratados. Os índices e as breves biografias são, sem dúvida alguma, um valioso instrumento para melhor usar e aproveitar o "Guia".

Na liturgia da Palavra, o próprio Deus interpela a comunidade e a cada indivíduo, esperando e suscitando a resposta da fé. A presente obra é um bom auxílio para tornar acessível e inteligível a mensagem divina, contida na Bíblia e proclamada na liturgia.

J. B. B.

RODRIGUES, Jocy: Cantigas do Povo de Deus, apresentação de D. José Delgado, Arcebispo de Fortaleza, 286 pp., 18 x 13 cm, Vozes, Petrópolis, 1972.

Saudamos com alegria esta tradução popular dos Salmos. O risco deste tipo de traduções é duplo: desagradar aos defensores inflexíveis da fidelidade literal e não obter o apoio do povo que, com freqüência, nega-se a emprestar seu próprio linguajar à oração da Igreja.

Na minha opinião, a tentativa é válida e, no caso, bem sucedida. Jocy Rodrigues conseguiu uma linguagem extremamente simples e popular, dentro de um tom poético e digno. Para meu gosto, uma beleza!

Os jovens encontrarão, já nos títulos antepostos aos Salmos, a linguagem das canções modernas: "Não agüento mais". "É pra já", "Saudades", "Amor sem fim" . . . E as pessoas acostumadas ao rezo dos Salmos poderão achar neles novo sabor: "Teu nome, Senhor, é tão bonito!" (Sl. 8); "Como a ovelhinha sedenta suspira por água fria, assim desejo meu Deus" (41); "Quando Deus trouxe de volta os flagelados, todo mundo estava crente que era um sonho" (125); "Que coisa boa e gostosa viver assim feito irmãos" (132); "Louvai Deus, pois é tão bom, seu amor não vai ter fim!" (105, 117, 135) . . .

As adaptações (ou concessões) ao nosso tempo não são demasiadas: "Vamos louvar o Cristo nas amplificadoras. Vamos louvar o Cristo nas estações de rádio" (148); "Vamos cantar a Deus numa bossa-nova. Que o nosso canto tome conta do salão da turminha viva" (149).

O Arcebispo de Fortaleza nos informa, na apresentação, que esta tradução foi adotada pela Fraternidade Eumênica de Olinda (Taizé) para seu ofício coral. Queira Deus que a nós também ajude a vivificar nossa oração!

L. G. Q.

GUIMARAES, Frei Almir Ribeiro, OFM.: Oração da Caminhada, 55 pp., 15 x 11 cm, Vozes, Petrópolis, 1972.

Reúne este livrinho vinte e cinco orações variadas, todas breves e de conteúdo atual, se bem que procedentes de épocas muito diversas. A seleção abrange a "Ação de Graças" da Didaqué e a "Oração pela Paz" de Paulo VI; a "Oração para pedir o bom humor" de Tomás Morus junto com um texto do recente Prêmio Nobel de Literatura, Alexandre Solzenitsyn; o "Cântico das criaturas" de São Francisco de Assis, bem como dois conhecidos trechos do Diário de Dag Hammarskjöld . . . O compilador inclui várias orações de sua autoria e outras sem indicação de autor. O conjunto é belo e estimula ao encontro pessoal com Deus.

L. G. Q.